

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROJETO BENÇA, OS OLHARES SOBRE O FEMININO E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA EMANCIPATÓRIA**

Allan Jonhnatha Sampaio de Paula<sup>1</sup>

Liliane Viana da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (FECLESC/UECE), graduado em História (UECE) e graduando em Letras: Língua Inglesa pela mesma instituição. Professor de História na rede estadual de ensino cearense e na Universidade Estadual do Ceará – Campus Quixadá. E-mail: [allanjonhnatha@gmail.com](mailto:allanjonhnatha@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Letras (UERN), graduada em Letras (FECLESC/UECE) e graduada em História (UNICESUMAR). Professora de Literatura na Universidade Estadual do Ceará – Campus FECIL, em Aracati. E-mail: [liliane.viana@uece.br](mailto:liliane.viana@uece.br)

### **Resumo:**

Este trabalho objetiva descrever e analisar, a partir do gênero relato de experiência, as características, nuances e primeiros impactos da iniciativa “Bença: novos laços para um novo futuro”, considerando seus dois anos de existência. A ideia, concebida e aplicada na E.E.M.T.I. Cônego Luiz Braga Rocha desde 2024, contempla um público de jovens e adultos e possui uma maioria de mulheres, refletindo especificidades de vivências que atravessam as violências de gênero e o patriarcalismo. Nesse sentido, partindo das vicissitudes da práxis (Guedes, Depieri, 2006), relatamos a experiência enquanto criadores e voluntários da iniciativa, buscando detalhar e evocar formas emancipatórias de educação pautadas no ensino crítico, misto e dialogado (Adorno, 2000). Intentamos contribuir para a construção de novas narrativas, considerando as leituras de mundo (Freire, Betto, 1988) das envolvidas e as experiências particulares como elementos-motriz de uma educação mais plural e inclusiva.

**Palavras-chave:** Projeto Bença. Mulheres. Educação.

## INTRODUÇÃO

Pensar a educação a partir de uma dimensão crítica compreende uma oposição à chamada educação bancária (Freire; Betto, 1986) e a consideração de um novo olhar sobre a atuação efetiva do educando e da postura mediadora do educador. Partindo dessa premissa, também considera-se o estudante enquanto uma construção social (Fávero, 2010), contemplando novas particularidades que surgem conforme sua temporalidade e contexto histórico. Tais paradigmas são fundamentais para analisarmos o âmbito de formação da iniciativa “Bença: novos laços para um novo futuro”.

Surgida em 2024, a iniciativa emerge durante o processo de matrículas dos estudantes da Escola Estadual de Ensino em Tempo Integral Cônego Luiz Braga Rocha, localizada em Ibaretama, município majoritariamente rural. Os professores Liliane Viana e Allan Jonhnatha acabaram percebendo um perfil comum entre os pais que matriculavam seus filhos: a maioria não tinha terminado o ensino básico e relatavam dificuldades na retomada dos estudos. Observando os participantes do Bença, há um elemento em comum entre as três turmas da iniciativa, a grande maioria consta de mulheres, muitas que deixaram a escola ainda adolescentes e que mantinha ainda vivo o sonho de finalizar os estudos.

Para tanto, almejamos descrever a seguir as seguintes seções: um campo de apresentação em mais detalhes do projeto Bença, seguido pelo relato de experiência de nossas ações, considerando a ideia de especificarmos, nos sub-tópicos, sobre as aulas conceituais, aulas transversais, oficinas de redação, encontros do CLEB (Clube de Leitura e Escrita Bença) e a iniciativa Dança das Recordações, chegando nas considerações finais. Nas descrições das atividades há a participação massiva das participantes e informações sobre suas trajetórias femininas.

## BENÇA: NOVOS LAÇOS PARA UM NOVO FUTURO

A iniciativa Bença foi pensada inicialmente para os habitantes da cidade de Ibaretama, no Ceará. Diante da falta de renovação de novas turmas de EJA, na única escola de ensino médio no município, a E.E.M.T.I. Cônego Luiz Braga Rocha, o Bença apresenta desde o início o intuito primordial de ofertar aulas online e gratuitas, duas vezes por semana, em período noturno, mediadas por professores voluntários da escola e de outras instituições, movidos por

um objetivo em comum: preparar os estudantes para a prova do ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), a fim de conseguirem alcançar a certificação da educação básica.

A ideia, desde seu pontapé inicial, foi acolhida com muita alegria pelo núcleo gestor da escola Cônego, sendo concebida a partir de fevereiro de 2024, e iniciando com inscrições que contabilizaram 80 pessoas, ou seja, pais, mães e responsáveis dos filhos matriculados na escola, formando, assim, a primeira turma do Bença. Com uma estrutura que pensa no fortalecimento entre gerações, filhos e pais são convidados a estarem juntos na iniciativa, dando vida a dois pilares que sustentam o Bença: o das aulas gratuitas, online e noturnas, que chega nas casas de nossos participantes, que chamamos de afilhadas e afilhados; e do acompanhamento dos filhos para com os seus pais, familiares e conhecidos, em que eles abençoam a retomada de tal trajetória, virando madrinhas e padrinhos dos próprios pais. Em um elo de sustentação, os dois pilares representam a garra e a coragem que filhos e pais estão passando juntos, já que eles também dividem a felicidade de em um momento possuírem o certificado do ensino médio em mãos.

Hoje, no ano de 2026, estamos comemorando dois anos do Bença, com três turmas de intensa adesão nas inscrições. A primeira turma, de abril a agosto de 2024, se inscreveram 80 participantes. De novembro de 2024 a agosto de 2025, tivemos a nossa segunda turma, contabilizando 60 inscrições. E hoje, em nossa terceira turma, que vai de março a agosto de 2026, 70 pessoas estão conosco nessa trajetória em defesa e direito da educação básica e de qualidade para todos. Enquanto iniciativa voluntária, é nosso papel oferecer uma nova oportunidade ao maior número de pessoas que, por inúmeros motivos, tiveram que deixar em segundo plano a finalização dos estudos; oportunidade essa que, em um município com características rurais e com grandes dificuldades, essas pessoas teriam que se deslocar até a cidade vizinha, Quixadá, em busca de uma EJA - Educação de Jovens e Adultos.

Pensando no formato e conteúdos da prova do ENCCEJA, prova essa responsável por oferecer a certificação do ensino médio após a sua realização, o Bença apresenta um formato de aulas que intitulamos de módulos e ciclos. Cada módulo equivale a uma semana, de dois encontros-aula cada, que após somarem cinco módulos há um fechamento do ciclo. Dentro de um ciclo está contido as quatro áreas do conhecimento com seus respectivos componentes curriculares.

São eles: Linguagens e Códigos (Língua Portuguesa, Artes, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Redação); Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia); Ciências da

Natureza (Física, Química e Biologia); e Matemática. Buscamos sempre professores e monitores voluntários a fim de ministrarem aulas e executarem atividades relacionadas aos conteúdos, cada um dentro de seu campo de conhecimento. E assim o Bença chega e permanece nas casas e nas vidas de nossas afilhadas e afilhados.

## A PRESENÇA E O OLHAR FEMININO

Em se tratando das afilhadas, elas se destacam desde a primeira turma pelo número expressivo de adesão nas inscrições: sempre acima de 90%. Com faixa etária que vai de 18 a 50 anos, as mulheres participantes do Bença representam a diversidade do campo feminino em ações, papéis e sonhos. Ao serem questionadas sobre as razões pelas quais abriram mão dos estudos na juventude e decidiram retomá-las depois de se tornarem mães e esposas, muitas das respostas cercavam um campo previsível: gravidez, matrimônio precoce, a proibição dos maridos, o senso de cuidado com membros da família etc. As duas primeiras razões são as mais sintomáticas e comentadas por elas. Isso nos revela as dimensões socioculturais em que o campo de nossas vivências está inserido, como evocamos no início dos nossos escritos. Todos esses dados foram coletados através de formulários periódicos.

Logo, entendemos que não bastaria apenas contribuir para a formação em educação básica dessas pessoas, elas necessitariam atravessar um campo de experiências múltiplas que contemplassem a participação efetiva, buscando em suas próprias vivências, formas de se entenderem como mulheres cidadãs e críticas de seus lugares sociais.

Por essa razão, ao dimensionarmos essa multiplicidade de vozes, consideramos atividades e iniciativas que pudessem fazer nosso público pensar o lugar de onde falam e vivem e como fazer espaços potenciais de crítica e mudança. Desde aulas conceituais sobre a história e luta das mulheres, até leituras literárias de autoria feminina, priorizamos trazer para o debate questões concernentes ao universo feminino, a violência, a maternidade, os preconceitos enfrentados e propostas de como mudar tais situações. Ao lermos autoras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Marcia Kambeba, dentre tantas outras, revelamos espaços de vidas diversas, com travessias que emocionam, causam identificação, fazem das experiências pessoas em um campo de debate autovalorativo.

Ao reportarem sobre como suas famílias enxergam o retorno aos estudos, muitas destacam o apoio dos filhos e cônjuges. Por vezes, há relatos já passados de episódios delicados,

sobre relações abusivas em que maridos não permitiam que essas mulheres continuassem os estudos, ou mesmo os pais, diante da necessidade do trabalho doméstico. Ainda há testemunhas que sequer contaram a ninguém, alegando “não se importar” se aceitariam ou não. Tais discursos são atravessados de certos traumas, mas também de forças renovadas e esperançosas, e esse contexto contemporâneo é uma nova rede de apoio por parte dos filhos, padrinhos e madrinhas, que também se alinha a novas propostas ao *ser e estar* no mundo como uma estudante novamente. Práticas um dia cessadas, agora retomadas.

## A PRÁXIS DE SER E ESTAR

Pensar a prática é fundamental no campo das experiências educacionais, considerando as dimensões do fazer, ser e estar no mundo, seja como educador, como educando. Para tanto, construímos nosso relato a partir da noção de *vicissitudes da práxis* (Guedes, Depieri, 2006), em que consideramos as reformulações e reconsiderações feitas ao longo da iniciativa, trazendo justamente as particularidades, as dimensões de êxito e inflexão do que operamos junto aos demais voluntários. Nesse sentido, pensar tais vicissitudes é compreender a cadeia de rupturas e continuidades nas acepções teóricas que tivemos primariamente acerca do projeto e como tais mudanças e mesmo novos *insights* surgiram pelo próprio ato de ser e estar junto. Para tanto, tratamos de compreender nossas atuações pelas atividades descritas a seguir

## Aulas conceituais

Em uma estrutura de aulas online e noturnas dedicadas às nossas afilhadas e afilhados, são ofertadas aulas duas vezes por semana, de uma hora-aula cada, assim como de uma hora e meia para componentes curriculares como Redação, Língua Portuguesa e Matemática; sendo elas oferecidas em mais de um encontro, por percebermos nelas as maiores dificuldades. Assim, caminhamos na estrutura de cinco módulos que, no final, formará um ciclo. Cada ciclo conterà todos os componentes curriculares, que serão ministrados por professores e monitores voluntários.

As aulas online foram pensadas como forma mais rápida e eficiente para chegar até às casas dos participantes de nossa iniciativa. Sendo elas também gravadas, ficam armazenadas no canal do Bença no Youtube, a fim de que nossas afilhadas e afilhados possam rever

novamente ou assistir depois, caso tenham perdido as aulas ao vivo. Assim como também mantemos a conta do Bença no Instagram com as atividades desenvolvidas ao longo do processo de aulas online e encontros presenciais, que a partir de nossa terceira turma, agora no ano 2026, passam a acontecer uma vez ao mês, por ser um pedido dos próprios envolvidos, até mesmo como forma de se conhecerem pessoalmente, tirarem dúvidas mais detalhadas e firmarem uma união construída ao longo do percurso.

## Aulas transversais

As aulas transversais diferem-se das conceituais, pois suas propostas não estão restritas a apenas um componente curricular, mas sim contemplam campos temáticos que atravessam saberes diversos, podendo ser mediada por um ou mais professores. Após dez ciclos realizados ao longo dos últimos dois anos, as aulas transversais, antes reservadas a momentos específicos, passaram a integrar nosso cronograma de aulas de forma mais constante, dividindo espaço com as aulas conceituais.

Dentre as aulas transversais já realizadas tivemos a *História e Lutas das Mulheres*, *História da Cidadania*, *Mudanças Climáticas* e *Arte e Intertextualidade*. Grande parte das aulas conceituais instiga uma participação mais efetiva, contemplando recursos multimodais de canções, perguntas-geradoras, questões, práticas de leitura e escrita, debates, dentre outras práticas. Tais recursos, apesar de também usados nas aulas conceituais, acabam sendo abordados de forma mais aprofundada e articulada com questões de problematização acerca do tema, promovendo a discussão e articulação de argumentos e ideias. Dessa forma, “mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes [...], ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência. (Adorno, 2000, p. 136), o que implica trazer novas formas de entender o mundo através do acesso a informações de novas agendas da educação contemporânea: a participação efetiva, a reflexão de uma formação *integral*, que contemple educação formal, senso prático, afeto e competências socioemocionais em um bojo holístico de compreensão do mundo.

A transversalidade é uma característica sintomática dos currículos escolares contemporâneos, que prezam pelo cruzamento de saberes e novas articulações do conhecimento científico. Consonante a isso, prezamos pelo debate aberto, que contempla relatos de vivência e memórias de nossas afilhadas. É nesse momento que também trazemos à baila a atuação

conjunta dos professores voluntários, que ora mediam tais encontros sozinhos ou acompanhados, tendo que elucidar o trabalho em equipe em prol de uma discussão aberta para os educandos.

As experiências transversais têm se revelado gratas surpresas, promovendo maior flexibilidade na articulação de chamada dos professores e permitindo uma maior personalização dos encontros conforme o campo de atuação do mediador ou mediadora. Assim, uma aula sobre Relações de Gênero pode ser mediada por historiadores, filósofos e sociólogos, tendo cada um seu prisma particular de abordagem, sem, no entanto, desconsiderar os saberes comuns, habilidades e competências comuns.

As estudantes, por sua vez, desdobram novas experiências participando de aulas que, comumente não teriam, atravessando novas formas de olhar seus mundos e a própria educação através das vivências compartilhadas nesses encontros.

## Oficinas de Redação

O componente curricular da Redação tem se mostrado, ao longo das três turmas do Bença, aquele que mais as afilhadas e afilhados apresentam dificuldades, junto com o componente da Matemática. Portanto, na distribuição dos módulos, ela ganha um espaço de dois a três encontros, como forma de trabalhar a estrutura e a escrita de maneira mais pontual. Os professores de redação trabalham a estrutura do texto dissertativo-argumentativo em aulas, assim como as competências cobradas na prova do ENCCCEJA, e contam com a ajuda dos monitores voluntários para as correções das redações e simulados aplicados após cada final de ciclo.

Percebemos que após anos sem estudar, e agora na retomada dos estudos, muitos relatam a dificuldade em voltar a escrever dentro de uma estrutura pré-estabelecida. Por isso, dedicamos, encontros online de uma hora meia para as oficinas de redação, bem como os encontros presenciais, uma vez por mês. Tais encontros são essenciais no trabalho com a letra e com o envolvimento dos estudantes perante ao momento da escrita, o que ajuda no fortalecimento dos estudos e no doar de mãos para não desistir no meio do caminho.



## Encontros CLEB (Clube de Leitura e Escrita Bença)

O CLEB nasce dentro do Bença como uma nova atividade para somar no conhecimento de retomada dos estudos. Dedicado ao componente da leitura e da escrita, o clube seleciona obras de autoria feminina e de minorias, colocando em discussão pautas relacionadas tanto aos conhecimentos de mundo de nossas afilhadas e afilhados, e como tais conhecimento se interligam também aos conhecimentos científicos. Por esse prima, trazemos para evidência debates que envolvam realidades plurais de mulheres, bem como suas escrevivências, na prática de dar visibilidade às narrativas femininas individuais que, juntas, passam a ser sentidas, lidas e vividas de forma coletiva.

A escritora Conceição Evaristo foi nosso pontapé inicial nessa discussão. Apresentando sua obra, trajetória de vida e escrita, o conto “Que cor tem os olhos de minha mãe”, da obra *Olhos D’água*, foi uma das melhores experiências vividas dentro do CLEB. Em um encontro 100% feminino com nossas afilhadas, a leitura do texto literário realizou pontes de convivências e reconhecimento entre as participantes, sobre o sentimento de se enxergar mãe e mulher em uma sociedade que ainda não sabe reconhecer a importância de seus idosos.

Em outros momentos, trabalhamos com os olhares da diversidade indígena, trazendo para discussão textos do escritor Daniel Munduruku. Com a leitura de contos da obra *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*, foi essencial a discussão sobre ancestralidade e ligação com a natureza, aspectos tão importantes para os povos indígenas. Também debatemos sobre os conhecimentos de mundo dos idosos e a relação das mulheres com a terra, trazendo em evidência percepções e vivências de afilhadas e afilhados.

Atualmente, dos meses de abril a julho de 2026, o CLEB está sendo parceiro em uma iniciativa de estágio vinculado ao projeto de extensão “Descobrimos Carolinas: experiências criativas bibliotecas, bordados e instalações artísticas” do Proext-PPG de Letras, da Universidade Federal do Ceará – UFC. Com a iniciativa “CLEB e escritas de si: sob os olhares de Carolinas” propõe-se apresentar as escrevivências da autora Carolina Maria de Jesus e dar visibilidade às narrativas de mulheres tão silenciadas e apagadas pela história da humanidade. Com a escrita e os olhares de Carolina, mulher pobre, negra e favelada, trabalhamos a potencialidade da diversidade feminina e suas vivências por meio das escritas de si, em que as afilhadas e afilhados do Bença possam também se enxergarem como sujeitos cheios de sonhos

e realizações, capazes de lutar por transformações positivas e coletivas em suas comunidades e município.

Como as afilhadas são a grande maioria no Bença, estimulamos que as vozes femininas também possam ser ouvidas e fortalecidas por meio de seus escritos. Após muitos anos dedicando seus cuidados aos filhos e família, sentimos a perseverança de tais mulheres a quererem retomar uma parte da vida deixada de lado, ressignificando atitudes e desejos que só estavam esperando uma nova oportunidade para que pudessem retornar. A conclusão dos estudos para essas mulheres significa também mostrar para seus familiares e toda uma sociedade que sempre há a possibilidade de realizar sonhos, mudando assim um destino já pré-estabelecido para o campo do feminino, que seria a do espaço privado. Ter a chance de mudar tal destino é enxergar a educação como mudança emancipatória, trilhando novos rumos e buscando novas oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

### **Dança das Recordações**

Em busca de criarmos um memorial audiovisual de nossas afilhadas, bem como das experiências partilhadas na escola Cônego, iniciamos desde agosto de 2025 a gravação de vídeos para a série “Dança das Recordações”, com depoimentos e relatos das trajetórias de pessoas que fazem parte dessas travessias conosco.

O conceito surgiu a partir da ideia de “dança”, da escritora Anna Tsing (2019), que apropria-se do termo para referir-se a transformação do mundo em consonância com o ser humano, entendendo nossos movimentos como parte de uma edificação do ser e da natureza. Não por acaso, elegemos um flamboyant plantado na praça de convivência da escola como símbolo da Dança das Recordações. É sob essa árvore que muitos estudantes conversam e inúmeros eventos da escola ocorrem. Tornou-se um espaço de experiência e memória e que agora é também palco de nossas gravações, de onde também partilhamos suas sementes como nossos convidados.

A série ainda está em atividade e não há previsão de término. A produção, com meses de planejamento, foi lançada recentemente e pretendemos seguir colhendo novas recordações de espaços, vivências e sonhos.

A gravação e produção ocorre com o auxílio dos estudantes padrinhos e monitores do projeto, além de voluntários que contribuem na edição e corte final dos vídeos. Com isso,

pretendemos criar um acervo disponível a todos sobre o que fazemos e, acima de tudo, o que vivemos. Na instância das emoções, conseguimos galgar novos caminhos que ressignifiquem memórias e trajetórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses dois anos de atividade, também olhamos a iniciativa “Bença: novos laços para um novo futuro” com autoanálise e olhar crítico. O projeto contribuiu com a aprovação integral de cerca de 15 pessoas e aprovação parcial de mais 15 pessoas. Os números modestos refletem a alta evasão, fator que precisamos otimizar. Por isso, diante da alta taxa de inscrições em nossa terceira turma (mais de 70 pessoas), decidimos que a inscrição e realização da prova do ENCCEJA se tornasse condição obrigatória para se manter na iniciativa, questão que antes era optativa, a afilhada ou afilhado realizava a inscrição se sentisse confortável.

Os encontros presenciais e mensais, já há muito tempo solicitados, também se tornaram uma nova forma de estarmos mais próximos e garantir uma continuidade na iniciativa. São nos encontros presenciais e literários onde geralmente as obras escolhidas também tocam nossas afilhadas e trajetórias muito íntimas e frágeis são reveladas por elas, na confiança que constroem com a turma. Ao contarem algo que talvez pouco visitaram mentalmente ou pouco reproduziram a alguém, revelando mesmo vulnerabilidades emocionais e financeiras, parte dessas pessoas resgatam instantes de renovação, novos suspiros de futuro. Por isso, os números sustentam uma materialidade, mas que não contemplam a subjetividade dos encontros, dos aprendizados mútuos, dos silêncios e das escutas.

Todas as atividades aqui propostas só são possíveis pelo grande contingente de voluntários que possuímos, mais de 40 pessoas, dentre professores e monitores, que assumem diversas funções para fazer dessa iniciativa uma realidade concreta. Por isso também o esforço de fazer o retorno ser mais significativo, atingindo mais pessoas. O Bença, costurado a muitas mãos, remetendo ao ato sagrado que pedimos aos nossos pais ao sairmos e chegarmos em casa, simboliza já em seu nome o que mais prezamos em manter vivo e pulsante: a jornada de transformação. Sendo bença o que pedimos antes de iniciarmos uma jornada, é também dela que firmamos os objetivos. Tal processo coletivo também reflete travessias de cansaço, de noites inconstantes, de (re)organizações constantes e de frustrações. Como todo ato humano e coletivo, as inflexões se tornam visíveis. Apesar disso, também somamos a isso o pensamento

de que somamos como um esforço voluntário, de difusão de redes de afeto, de contato e de união. Por isso, que em nossa premissa, a “bença” é o começo de tudo, pois ela abre caminhos, pelo ato de amor que é, pela tradição coletiva de proteger.

Aprender junto comove, edifica e alicerça.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FÁVERO SOBRINHO, Antônio. O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. In: Seminário Nacional - Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 6. ed. São Paulo: Ática, 1988.

GUEDES, Lizandra; DEPIERI, Adriana. Educação e resistência: relato de experiência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 311–324, maio/ago. 2006.

TSING, Anna Lowenhaupt. Capítulo 1. Dançando na Floresta de Cogumelos. In: **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. – Brasília: IEB Mil Folhas, 2019, p. 27-41.

